

JOVENS UNIVERSITÁRIOS DE CIDADES INTERIORANAS: modos de vida e projetos de futuro^{120*}

Isaurora Cláudia Martins de Freitas¹²¹

Universidade Estadual do Vale do Acaraú

Resumo

Partindo de uma perspectiva teórica que entende a juventude como heterogênea e diversa, o artigo analisa os diferentes modos de ser jovem universitário a partir de uma pesquisa realizada em Sobral, cidade polo da região norte do Ceará contemplada com as políticas de expansão da educação superior dos últimos 15 anos. Possuindo atualmente três Instituições de Ensino Superior (IES) públicas e cerca de 10 IES privadas, entre institutos e faculdades, Sobral recebe jovens de mais de 50 municípios da região que chegam à cidade em busca de uma formação de nível superior. Alguns desses jovens se deslocam diariamente de seus municípios de origem até Sobral em viagens que chegam a durar cinco horas (percurso de ida e volta), os que têm condições fixam residência no lugar elegendo como forma de moradia a coabitação com outros jovens, formando as repúblicas estudantis. A grande maioria deles é oriunda de famílias de baixa renda e busca, através da aquisição de um diploma de nível superior, realizar projetos de vida. Que modos de vida esses jovens desenvolvem ao longo do período dos estudos universitários? Que projetos de futuro intencionam realizar? Que nuances das políticas de expansão da educação superior no Brasil a realidade dos jovens universitários das cidades interioranas revela? Essas são questões que o estudo busca responder.

Palavras-chave: Juventude. Universidade. Mobilidade. Modo de vida. Projeto de futuro.

120 * Recebido em: agosto/2013. – Aceito em: setembro/2013.

121 Professora adjunta da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e lidera o Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Culturas Juvenis (GEPECJU). E-mail: isaurora68@gmail.com.

Young university students from small towns: living style and future projects.

Abstract

Starting from a theoretical perspective that considers youth as heterogeneous and diverse, this article analyzes the different ways of being a young university student, from a survey carried out in Sobral, a major city in northern Ceará, contemplated with the policies of expansion of higher education in the past 15 years. Currently possessing three public Higher Education Institutions and approximately 10 private HIEs, among private institutes and colleges, Sobral receives young people from more than 50 municipalities in the region, who come to the city in search of a higher education. Some of these young people commute daily from their cities of origin to Sobral, on journeys that can last up to five hours (round trip). Those who have financial conditions come live the city, and share a house or apartment with other young people, thus forming student communities. The vast majority of these young people come from low-income families and seek to fulfill their life projects through the acquisition of a diploma. Which ways of life do these young people develop over the period of their university studies? What future projects do they intend to carry out? What nuances of the policies of expansion of higher education in Brazil does the reality of these young university students reveal? These are questions that the study seeks to respond.

Keywords: Youth. University. Mobility. Way of Life. Project for the Future.

Introdução

Na tentativa de melhorar a taxa de escolarização na educação superior, o governo brasileiro, especialmente a partir dos anos 1990, tem investido em políticas de expansão desse nível de educação. Políticas que, dependendo do projeto em voga na gestão presidencial, assumem facetas diversas. Um dos resultados mais visíveis dessa expansão é a interiorização das Instituições de Ensino Superior (IES) e a diversificação do perfil dos universitários.

No Ceará, a expansão da oferta de vagas pode ser percebida comparando-se dados dos anos 1991, 2004, 2007 e 2013.

Dados do Ministério da Educação (MEC) ¹²² atestam que em 1991 existiam no Ceará apenas 9 IES, sendo 8 públicas e uma privada; no interior existiam apenas 3 instituições públicas. No ano de 2004 esse número subiu para 42 instituições, sendo 5 públicas e 37 privadas. Dessas, atuam no interior 4 públicas e pelo menos 6 privadas. Em 2007, o Ceará já contava com 51 instituições. No interior havia 21, 4 públicas e 17 privadas. Atualmente, o Estado possui 7 IES públicas que oferecem cursos de graduação no interior e mais de 30 privadas.

No que se refere ao perfil dos universitários brasileiros, pesquisas atestam que ele vem mudando, especialmente nas universidades federais, conhecidas historicamente como redutos dos jovens de classes mais abastadas. De acordo com um estudo divulgado em 2011 pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES), 44% dos estudantes das universidades federais são oriundos das classes C, D e E e estudaram em escolas públicas. Apesar de não ter dados nacionais que permitam fazer um comparativo, acredito que nas universidades estaduais, sobretudo naquelas localizadas em cidades do interior, os índices de jovens oriundos das referidas classes seja bem mais alto. Tal crença, parte das observações realizadas na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), sediada em Sobral, cidade do Ceará a 232 km da capital, onde 79,94% dos alunos são oriundos de famílias de baixa renda¹²³.

Partindo do caso específico da cidade de Sobral, maior da região norte do Ceará e única com grande oferta de vagas em instituições públicas e gratuitas de ensino superior¹²⁴, ponho em tela, neste trabalho, os jovens universitários das cidades interioranas, analisando os modos de vida e os projetos de futuro

122 Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12467&Itemid=783

123 Fonte: UVA em Números 2011. Disponível em: http://www.uvanet.br/documentos/numeros_e3a4655b7494f78bbe-53b6ade215f23d.pdf

124 Outras cidades da região possuem campi do IFCE; é o caso de Ubajara, Tianguá, Camocim e Acaraú. No entanto, a oferta de cursos é restrita ao nível técnico e a uma ou duas licenciaturas específicas.

constituídos com base na experiência de frequentar a universidade.

As reflexões e os dados empíricos aqui contidos são frutos de pesquisas, realizadas entre os anos de 2007 e 2013, com jovens universitários da referida cidade¹²⁵. Partindo de referências teóricas (BOURDIEU, 1983; GALLAND, 1991; MARGULIS, URRESSTI, 1996; PAIS, 2003) que nos ensinam a olhar a juventude como construção social paradoxal, em que semelhanças e diferenças contribuem para formar uma unidade conceitual que designa um segmento etário marcado pela heterogeneidade e pela multiplicidade de práticas, atitudes e modos de ser, fui à busca do que aproxima e do que diferencia os jovens universitários.

Em minhas incursões, descobri que um dos pontos que unifica os que conseguem ingressar na universidade é que,

[...] além de gozar do status de universitário, têm acesso à possibilidade de uma melhor qualificação profissional e passam a fazer parte de um universo socio-cultural diferenciado do universo dos jovens que estão fora dessa instituição. Deste universo fazem parte vivências através das quais se constitui a “identidade” do universitário, formada, sobretudo, na interação com os pares [...]. (FREITAS, 2008, p. 4).

A maioria dos universitários de Sobral é oriunda de cidades circunvizinhas e isso também os assemelha, diferenciando-os, no entanto, da parcela de universitários de origem sobralense que moram com suas famílias no município. Entre os estudantes não sobralenses, chamaram minha atenção duas situações

125 As pesquisas aqui referidas foram realizadas com o apoio dos programas de Iniciação Científica da Fundação Cearense de Amparo ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Ceará (FUNCAP) e do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq). Em períodos distintos, contamos com a colaboração dos seguintes bolsistas: Kímbelly Luisa B. Menezes (março de 2007 a março de 2008), Marcelo Silva Andrade (março de 2009 a julho de 2010); Romualdo da Silva Teixeira (março de 2009 a setembro de 2010); Nayana Mara Arruda Albuquerque (agosto de 2010 a março de 2012); Edilmara Kayt Silveira Fernandes (março de 2010 a fevereiro de 2012); Talita Silva Bezerra (março de 2010 a fevereiro de 2011); Diana Pereira Romão (março de 2011 a fevereiro de 2012); José Ricardo Marques Braga (agosto de 2010 a julho de 2012).

advindas da origem geográfica e, em parte, da pertença social: a dos universitários viajantes e a dos moradores de “repúblicas”.

O primeiro grupo é formado por aqueles que, para frequentar a universidade, se deslocam diariamente de seus municípios de origem, em viagens que chegam a durar até 5 horas (ida e volta). O segundo grupo é o dos que fixam residência em Sobral, geralmente compartilhando habitação com outros universitários. Nesse sentido, podemos dizer que a expansão geograficamente desigual, ou seja, a oferta cada vez maior de vagas na educação superior concentrada em cidades polos de determinadas regiões, produz mobilidades (CRESSWELL, 2009), no sentido de que o deslocamento passa a ser uma estratégia para a concretização dos projetos de vida para os jovens que incluem, nesses projetos, uma formação de nível superior.

O deslocamento espacial, mesmo que temporário, implica um deslocamento social e cultural na medida em que o cotidiano de quem migra ou experimenta a mobilidade pendular¹²⁶ é passado por agenciamentos que conferem singularidade à experiência de frequentar a universidade (FREITAS, 2008, p. 5). Partindo desse pressuposto e seguindo as trilhas dos estudos sobre o cotidiano (CERTEAU, 1996; PAIS, 2007), busco, neste artigo, responder às seguintes questões: Que modos de vida os universitários viajantes e os moradores de “repúblicas” desenvolvem ao longo do período dos estudos universitários? Que projetos de futuro intencionam realizar? Que nuances das recentes políticas de expansão da educação superior no Brasil a realidade dos jovens universitários das cidades interioranas revela?

Para responder a essas questões, necessário se fez adentrar “nos meandros da vida quotidiana dos jovens, na compreensão dos seus modos de vida, das suas sociabilidades, dos usos que do tempo faziam.” (PAIS, 2003, p. 16). Desse modo, o campo empírico, constituído pelos transportes utilizados pelos universitários viajantes, pelas “repúblicas” estudantis

126 Em nossos estudos utilizamos a expressão mobilidade pendular ou movimento pendular, em conformidade com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), para designar os deslocamentos cotidianos entre duas cidades para fins de trabalho ou estudo. Tal opção presta-se também, pela natureza do nosso trabalho, a diferenciar os universitários que fixam residência na cidade sede da instituição de estudo, ou seja, os migrantes.

e pelos diferentes espaços da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e da cidade de Sobral, foi abordado por meio do uso de técnicas qualitativas de pesquisa, dentre as quais destaco a observação direta e as entrevistas semiestruturadas.

Além dos momentos formais de observação, concretizados pelas viagens nos transportes universitários de alguns municípios e pelas visitas a algumas “repúblicas”, é necessário esclarecer que o fato de ser professora da universidade cujos estudantes escolhi como interlocutores, proporcionou, ao longo dos anos de pesquisa, o desenvolvimento do que Goldman (1995) chama de “observação flutuante”, ou seja, um tipo de observação direta e contínua em que o pesquisador, pela proximidade física e cultural com o campo, está em permanente estado de pesquisa, uma vez que sua atenção pode ser exigida a qualquer instante.

Na primeira parte deste artigo, discuto as recentes políticas de expansão da educação superior no Brasil, destacando o modo como elas têm contribuído para aumentar e diversificar a população estudantil de Sobral. Na segunda parte, apresento, com base em dados empíricos, os modos de vida e os projetos de futuro das duas categorias de universitários aqui consideradas: os viajantes e os moradores de “repúblicas”. Dessa forma espero ter dado conta da tarefa de mostrar as peculiaridades da vivência estudantil advindas da experiência de mobilidade, bem como as fragilidades e desafios da política de expansão.

1. Expansão recente da educação superior em Sobral

Compreender a expansão da educação superior em Sobral exige recuperar o contexto recente das reformas educacionais implementadas a partir do primeiro mandato do presidente Fernando Henrique Cardoso (1995 a 2003), reformas orientadas pelo Plano Diretor da Reforma do Estado em cujo texto estava inscrita a necessidade de aumentar a governança do Estado brasileiro, otimizando-se a capacidade de implementar políticas públicas. Tratava-se, na verdade, de afastar o Estado de atividades que poderiam ser realizadas pela iniciativa privada, concentrando suas ações exclusivamente no exercício do poder.

A educação superior foi um dos principais alvos dessa política e o que se assiste no país, desde então, é a crescente expansão do número de vagas como consequência, sobretudo, do crescimento das instituições privadas de ensino, consolidando a visão mercantil amplamente denunciada pelos estudiosos do tema (ROTHEN & BARREYRO, 2011; SEVERINO, 2008; PINTO, 2004).

Herdando do governo FHC a proposta de uma reforma universitária, o governo Lula (2003-2011) iniciou assumindo o compromisso de dar continuidade ao processo de expansão criando, para isso, mecanismos destinados a incentivar o aumento das matrículas. Dentre eles, a implantação de ações afirmativas, a criação de novas universidades federais e a ampliação das já existentes pela implantação de *campi* avançados, sobretudo no interior. No entanto, a primeira ação concreta do referido governo em relação à educação superior foi a criação, no final de 2004, do Programa Universidade para Todos (PROUNI)¹²⁷, mediante o qual passou a conceder bolsas (integrais e parciais) a estudantes de graduação em IES privadas. Segundo Gonçalves (2008), o PROUNI ampliou o modelo do Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES)¹²⁸, ferindo, assim, os princípios da reforma que elegia as instituições públicas como referência.

Em seu segundo mandato, Lula lançou, em 2007, o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), voltado fundamentalmente para a educação básica, mas que, no tocante ao nível superior, previa a ampliação do acesso e a articulação entre os programas de financiamento (FIES e PROUNI).

No mesmo ano, surgiu o polêmico Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI)¹²⁹. O Programa previa o repasse de recursos extras para aquelas universidades que se comprometessem a: aumentar o número de vagas para o ingresso de estudantes;

127 O Prouni foi instituído por medida provisória em vigor a partir de dezembro de 2004 e regulamentado pela Lei 11.096, em janeiro de 2005.

128 Financia o ensino superior para estudantes que não tenham condições de arcar com os custos de formação e estejam regularmente matriculados em instituições cadastradas no programa e com avaliação positiva nos processos conduzidos pelo Ministério da Educação.

129 Decreto 6.096, de 24 de abril de 2007.

reduzir a evasão; garantir maior mobilidade estudantil e maior interação entre as universidades e o ensino básico, profissional e tecnológico (SEVERINO, 2008). A ampliação ou abertura de cursos noturnos, o aumento do número de alunos por professor, a redução dos custos por aluno, a flexibilização de currículos, a elevação da taxa de conclusão das graduações presenciais também são objetivos do Programa. Para dar suporte ao REUNI, sobretudo no que se refere à redução da evasão, o governo criou o Plano Nacional de Assistência Estudantil¹³⁰ (PNAES) destinado, inclusive, a incrementar as políticas de ações afirmativas.

As principais críticas aos programas do governo Lula destinados à educação superior feitas, por exemplo, pela Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior (ANDES - Sindicato Nacional) e por alguns setores do movimento estudantil, vão no sentido de denunciar o caráter quantitativo dos programas, ou seja, a preocupação em expandir o ensino superior, massificando-o, sem que haja verbas suficientes para garantir uma expansão sem o comprometimento da qualidade do ensino, da pesquisa e da extensão.

Iniciado em janeiro de 2011, o governo Dilma Rousseff (do mesmo partido de Lula) vem dando segmento à política de expansão do seu antecessor. O saldo dos programas implantados pelos governos do Partido dos Trabalhadores (PT) pode ser percebido pelos dados do Censo da Educação Superior 2011¹³¹, realizado pelo Instituto Nacional de Pesquisas e Estudos Educacionais (INEP) do Ministério da Educação (MEC): as matrículas cresceram 5,7% em um ano e o número de estudantes nessa etapa chegou a 6,7 milhões em todo o Brasil. Apesar das investidas governamentais para expandir as vagas na rede pública, as instituições privadas são responsáveis por 74% das matrículas contra 26% das IES públicas. Nas universidades federais houve um aumento de 10% no número de vagas entre os anos de 2010 e 2011. O índice de jovens na faixa etária de 18 a 24 anos que concluíram ou estão matriculados na educação superior passou de 7,1% em 1997 para 17,6% em 2011. No que se

130 O PNAES prevê ações como moradia estudantil, alimentação, transporte, assistência à saúde, inclusão digital, cultura, esporte, creche e apoio pedagógico.

131 Os dados do Censo da Educação Superior 2012 ainda não foram divulgados pelo INEP.

refere à expansão da rede federal, os dados do MEC¹³² (SESU) revelam que 14 novas universidades foram criadas até o ano de 2011 e 134 novos *campi* e unidades foram criados ampliando de 114, em 2003, para 237 o número de municípios atendidos por universidades federais.

Observando esses dados, percebe-se que, de fato, houve uma ampliação da rede federal de ensino superior, mas, por outro lado, cresceu mais ainda o número de IES privadas, demonstrando uma continuidade no processo de mercantilização desse nível de ensino iniciada no governo FHC. O fato de mais jovens estarem ingressando em cursos de nível superior não significa que mais jovens permaneçam nas IES e nem que esses jovens estejam tendo uma formação de qualidade. Dados do próprio MEC demonstram o grande índice de evasão nas IES públicas e privadas. Em 2009, por exemplo, dos mais de 1,6 milhão de ingressantes, menos de 200 mil chegaram ao 6º ano de curso.

Conforme Britto et al. (2006), uma das consequências do aumento quantitativo das IES no Brasil é a subdivisão do “campo da Educação Superior” em dois blocos de instituições: as IES que concentram a maior parte da produção do conhecimento intelectual e acadêmico e aquelas responsáveis apenas pela formação profissional em consonância com as necessidades do mercado, as “IES periféricas”. As primeiras, geralmente, são universidades públicas, localizadas em grandes centros urbanos que se diferenciam também pelo maior nível de qualificação dos professores e pelo perfil dos alunos que recebem, ou seja, aqueles mais bem preparados. As do segundo bloco seriam as IES privadas, localizadas nas periferias das grandes cidades ou em regiões interioranas ou mesmo universidades públicas, localizadas em polos regionais mais distantes dos grandes centros de produção do conhecimento e que sofrem com a limitação de recursos advindos dos governos; é o caso de muitas universidades estaduais, como a UVA.

Tal discussão interessa a esse trabalho pelo fato de que as IES ditas periféricas recebem majoritariamente alunos “oriundos de um segmento social que até recentemente não tinha acesso à Educação Superior e que, normalmente, dispõe de condições

132 Dados disponíveis em www.mec.gov.br

de estudo limitadas” (BRITTO et al., 2006, p. 02) e um capital cultural que dificulta a adaptação ao universo acadêmico.

Vejamos, a seguir, como essa realidade vem se configurando em Sobral.

A cidade de Sobral, localizada na porção noroeste do Estado do Ceará, é sede de uma macrorregião administrativa¹³³ formada por cinco microrregiões, que compreendem 55 municípios. Dessa forma, a cidade que, de acordo com os dados do censo de 2010 do IBGE, possui 188.233 habitantes e atende um total de 1.500.000 pessoas, sendo uma das maiores e mais importantes do estado.

A referida cidade, que até o ano de 2001 possuía apenas uma universidade estadual de pequeno porte, tem experimentado, nos últimos 15 anos, o aumento crescente de sua população estudantil, especialmente na educação superior, devido aos seguintes fatores: a expansão, a partir da segunda metade dos anos 1990, da primeira e, atualmente, maior universidade da Região, a Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA); a implantação de um campus avançado da Universidade Federal do Ceará (UFC); a instalação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) e a criação de institutos e faculdades particulares, dentre as quais se destacam as Faculdades INTA e a Faculdade Luciano Feijão¹³⁴.

O aumento da oferta de vagas na educação superior tem atraído pessoas oriundas não só dos municípios da macrorregião, mas também da capital e de outros Estados, que vêm em busca de uma melhor qualificação profissional. Atualmente, são cerca de 18.000 estudantes matriculados nos cursos de graduação das (IES) localizadas em Sobral, sem contar com as matrículas

133 O Estado do Ceará está dividido em 7 macrorregiões e 33 microrregiões administrativas.

134 O município conta, ainda, com várias instituições de Ensino a Distância dentre as quais se destacam: Instituto EDUCARE, que realiza cursos de graduação em parceria com a UNIDERP interativa e a UNIMES Virtual e Cursos de Pós-Graduação Lato Sensu presenciais em mais de 25 cidades, em parceria com a Faculdade Ateneu de Fortaleza; além disso, possui acordo de cooperação com a Universidade Autónoma de Assunção e outras universidades, através do Instituto Postgradosparaguay, com o objetivo de levar alunos brasileiros para realizar cursos de Mestrado e Doutorado naquele país e UNOPAR Virtual.

culas em cursos de graduação semipresenciais e a distância e em cursos de pós-graduação *stricto sensu*¹³⁵ e *lato sensu*.

O município foi um dos contemplados com as ações do REUNI, recebendo um campus da UFC. Analisando o quadro da educação superior no município, percebe-se que a maior parte das matrículas estão concentradas na UVA, que possui atualmente 9.183 alunos¹³⁶, o que corresponde a cerca de 52% das vagas ofertadas em cursos de graduação presenciais.

O processo de expansão da educação superior em Sobral é cheio de contradições. Por um lado, temos o aumento de vagas tanto nas IES públicas como nas privadas, mas, por outro, se observa que esse aumento de vagas, sobretudo nas IES públicas, não tem sido acompanhado por investimentos que garantam a qualidade da expansão e a permanência dos que ingressam na universidade.

A UVA, apesar de não ser uma IES federal, vem seguindo a lógica das políticas de expansão desse setor. O número de matrículas na instituição saltou de 6.106 em 2007 para 9.183 em 2013. Em seis anos foram criadas mais de 3.000 vagas não pelo aumento da quantidade de cursos, mas pela expansão das matrículas nos cursos já existentes. Apesar do maior número de alunos, a falta de concursos para professores e funcionários efetivos, bem como os constantes cortes de verbas, tem prejudicado sobremaneira o andamento das atividades acadêmicas. Na UFC, o problema maior tem sido a falta de estrutura e de espaço físico, já que essa IES ainda não possui um campus próprio em Sobral para abrigar todos os seus cursos. Alunos do curso de Odontologia, por exemplo, reclamam das constantes mudanças de prédio e da falta de laboratórios para as aulas práticas.

Aliado aos problemas já referidos, a falta de políticas de assistência estudantil nas IES públicas de Sobral também contribui para criar uma realidade que penaliza especialmente os jovens oriundos das camadas menos favorecidas da população que têm conseguido acessar uma vaga nas IES de Sobral. A

135 Das IES sediadas em Sobral apenas a UVA e a UFC possuem cursos de mestrado. A UFC possui dois mestrados e a UVA dois.

136 Dado referente ao semestre 2013.2. Fonte: Departamento de Ensino de Graduação (PROGRAD/UVA).

cidade não possui residências e restaurantes universitários¹³⁷, o que contribui para que grande parte dos estudantes oriundos de outros municípios da região opte por ficar indo e vindo todos os dias ou “invente” soluções de moradia para compensar a falta de apoio social, pois, como afirmam Silva, Cruz e Aguirre (2011):

O apoio social ao estudante do ensino superior pode ser visto como uma grande estrutura de oportunidade que através da concessão de bolsas de estudo, material didático, alimentação, moradia entre outros, irá permitir ao cidadão o acesso, a permanência e a conclusão do Ensino Superior com sucesso. (SILVA, CRUZ, AGUIRRE, 2011, p. 3).

O grande desafio do processo da educação superior no Brasil é, portanto, aliar aumento de vagas com equidade, qualidade e condições de permanência. Para analisar as condições de permanência dos jovens, sobretudo os de camadas menos favorecidas, nas universidades brasileiras, é preciso olhar para os modos de vida estudantil que se desenvolvem pela diversidade de formas de ser e estar universitário.

Analisando dos desafios impostos pelas condições oferecidas pelas IES sediadas em Sobral, podemos distinguir situações que sinalizam a diversidade de modos de vivenciar o tempo dos estudos universitários. Dentre esses modos, destacamos, a seguir, aqueles oriundos da experiência de mobilidade, como já referida anteriormente.

2. Juventudes universitárias: modos de vida e projetos de futuro

Wirth (1987), ao refletir sobre a natureza da vida nas metrópoles modernas, abriu espaço para entendermos a heterogeneidade e a diversidade de experiências, costumes, atitudes e

137 A construção de um restaurante universitário tem sido uma reivindicação constante do movimento estudantil da UVA. Sua construção, após inúmeras negociações com o governo do Estado, está prometida para o segundo semestre de 2013.

gostos como matrizes de modos de vida específicos que contribuem para a diferenciação entre os indivíduos. É nesse sentido que trabalho a noção de modos de vida ao referir-me aos jovens universitários de Sobral. Distinguindo modos de vida entre universitários de cada uma das categorias identificadas no mosaico formado pelas diferentes formas de ser jovem universitário em Sobral, busco apanhar suas práticas cotidianas que incluem as estratégias e as soluções encontradas para realizar atividades corriqueiras como deslocar-se, alimentar-se, habitar, estudar, dormir e conviver com os outros em meio ao tempo dos estudos universitários.

Atento, portanto, para a importância de conhecer as formas como os jovens experimentam a vida universitária após o ingresso, a partir de dentro, olhando para suas vidas antes e durante a estada na universidade (ZAGO, 2007; GRUEL, GALLAND, HOUZEL, 2009; CARRANO, 2009).

Necessário se faz esclarecer que os jovens retratados aqui são estudantes de cursos noturnos da UVA. A escolha do turno se deu pelo fato de que a grande maioria dos alunos dessa universidade estuda à noite.

2.1. Universitários viajantes

Júlio tem 22 anos e cursa História na UVA. Filho de um agricultor analfabeto e de uma aposentada semianalfabeta, ele sempre foi aluno de escolas públicas e foi o primeiro da família a ingressar no ensino superior. Passou no vestibular após a segunda tentativa.

Morando na localidade de Pelada, zona rural do município de Hidrolândia, situado a 120 km de Sobral, ele explica sua rotina de deslocamento para chegar à universidade:

[...] eu começo a me arrumar três horas, três e meia e já saio da localidade, chego por volta de três e quarenta e cinco, três e cinquenta em Hidrolândia. [...] eu venho de bicicleta todo dia, que é quinze minutos, vinte minutos. Aí chego em Hidrolândia. A gente pega o transporte por volta de quatro e meia, né? A gente sai,

chega aqui sete, seis e meia, assiste essas três, sete, oito, nove e dez, três horas de aula, né? Até dez horas. Terminando a aula, a gente se desloca novamente, são duas horas de viagem. Chego lá meia noite, pego a bicicleta, vou pra casa ainda, chego em casa é doze e vinte, doze e vinte e cinco, é nessa faixa.

Assim como Júlio, Michel, 21 anos, estudante do curso de Filosofia da UVA e oriundo de Marco (município a 70 km de Sobral), enfrenta os deslocamentos diários da sua cidade até a sede da universidade. Ao contrário de Júlio, Michel mora na zona urbana, estudou a vida inteira em escolas da rede privada de ensino e possui pais alfabetizados. A mãe terminou o nível superior e é professora aposentada, o pai completou o ensino fundamental e trabalha como agricultor autônomo.

Outros tantos jovens do interior do Ceará, não só da região norte, e de outros Estados do país enfrentam a mobilidade cotidiana para fins de estudos, sendo essa a única forma de conseguir obter um diploma de nível superior.

A mobilidade é um elemento fundamental na dinâmica das sociedades contemporâneas, na medida em que mover-se ou deslocar-se (real ou virtualmente) possibilita aos indivíduos acessar serviços, bens, mundos e experiências diferentes e diversos das que têm em seu ambiente mais próximo.

A importância da mobilidade humana inscreve-se não apenas na necessidade de analisá-la do ponto de vista demográfico ou econômico. Neste trabalho ressalto a importância de pensar a Educação Superior, levando-se em conta a mobilidade estudantil.

Estudos recentes, como os de Cresswell (2006, 2009) e Urry (2007), introduzem um novo paradigma nos estudos sobre mobilidade ao pensar o fenômeno para além do deslocamento físico. Cresswell, por exemplo, afirma que a mobilidade tem duas faces: uma corporal e outra social. Assim, o corpo físico que se desloca espacialmente está imerso numa dimensão social que inclui estruturas, meios, cultura e significado.

Urry (2007) parte da ideia de que a natureza social contemporânea está em movimento; portanto, as mobilidades estruturam a própria sociedade. Nessa perspectiva, tempo, transportes, redes e meios de comunicação e informação possuem um peso fun-

damental na organização e reprodução da vida social. É necessário pensar a mobilidade como um complexo fenômeno social que possui múltiplas naturezas, origens, periodicidades e sentidos e que, para além das dimensões física, corporal e econômica, inclui as dimensões cultural, afetiva, imaginária, espacial e individual.

Do ponto de vista da periodicidade, as viagens diárias realizadas pelos jovens universitários podem ser inscritas no que os geógrafos chamam de “movimento pendular”, dado que o deslocamento feito entre duas cidades inclui uma ida e uma volta todos os dias, ou seja, não se permanece na cidade de destino (no caso, Sobral), pois ela é apenas lugar de estudo (podendo ser também de trabalho, no caso desse tipo de movimento) e não de moradia. Assim, o “movimento pendular” diferencia-se dos movimentos migratórios, que sempre pressupõem a fixação de residência no lugar de destino.

Mobilidade e vida cotidiana se entrelaçam no mundo contemporâneo. Mover-se é preciso para acessar o trabalho, o lazer, as compras, a educação. E quando esses serviços não são encontrados dentro da própria cidade em que o indivíduo habita? Aí surge a necessidade de cruzar o território da cidade em busca do que se necessita ou se deseja, impondo-se, nesse caso, um deslocamento de maior distância. É o que acontece com os jovens sujeitos dos quais tratamos nesta pesquisa. Pelo fato de não possuírem IES gratuitas em seus municípios, se quiserem acessar uma formação superior, precisam buscá-la na cidade mais próxima que oferece esse serviço, no caso, Sobral. Desse modo, o transporte passa a ter uma centralidade para viabilizar a mobilidade e sua ausência “condena” os indivíduos à imobilidade e, no caso aqui tratado, pode significar a não permanência na universidade para a qual se conquistou a vaga.

Francisco, por exemplo, oriundo da localidade de Cunhaçu, distrito rural do município de Coreaú, prestou vestibular na UVA pela primeira vez aos 17 anos. Foi aprovado, mas depois de seis meses descobriu que não gostava do curso. O desejo era cursar Física, mas, como na época o transporte que levava os estudantes até Sobral havia sido cortado pela prefeitura, ele conta que passou um ano sem estudar porque não tinha condições financeiras para pagar um transporte particular. Morando

atualmente em Sobral, Francisco (23 anos) está prestes a terminar o curso de Física e divide casa com outros nove estudantes. A mudança só foi possível porque ele foi aprovado numa seleção pública para trabalhar no Hospital Regional de Sobral, pois, sem um salário para custear as despesas com moradia, alimentação e transporte, teria sido impossível para ele fazer o curso.

O transporte universitário não é direito garantido na constituição, que só assegura, em seu artigo 208, VII¹³⁸, o transporte escolar para estudantes do ensino fundamental. Desse modo, os jovens que optam por cursar a universidade em outro município têm duas alternativas: fixar residência na sede da universidade ou buscar meios para o deslocamento diário. Os estudantes pesquisados são, em sua maioria, oriundos de famílias de baixa renda, o que significa que não possuem recursos para acessar a primeira alternativa e tampouco possuem recursos para bancar um transporte próprio. É o que Michel demonstra na sua fala:

[...] o transporte ele é um facilitador, mas não tendo, claro que tudo iria se tornar muito mais complicado, até porque é muito caro as passagens. Aqui nós não temos empresa de ônibus que mande um direto do Marco pra Sobral, nós temos simplesmente o quê? Algumas Topics que são muito caras, mas, inda mais tem a dificuldade de moradia, tem é... de arranjar um emprego em Sobral. Puxa, é muita coisa! Então eu acredito que o ônibus universitário hoje ele até diminui essa vazão de trabalho em Sobral pra nossas cidades. Como também inda (sic) potencializa. Nós poderemos cursar uma faculdade lá. (Michel, 21 anos, estudante de Filosofia do município de Marco).

Na maioria dos municípios da região norte do Ceará, o transporte universitário é feito em ônibus ou micro-ônibus cedidos pelas prefeituras dos municípios depois de muita luta dos univer-

138 Só recentemente a presidente Dilma Rousseff promulgou uma emenda, criando a Lei Federal n.º 12.816/13. Com a criação da Lei Federal, os gestores municipais devem procurar o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) para regulamentar o uso do veículo oficial no transporte universitário, junto ao Governo Federal. De acordo com a emenda promulgada pela presidente, os veículos poderão ser usados na área rural, no transporte de estudantes da zona urbana e da educação superior.

sitários. A concessão de um transporte que não é garantido por lei transforma os estudantes em reféns do poder público local, ocasionando situações como, por exemplo, a suspensão do transporte por motivos políticos (FREITAS, 2008; FREITAS et al., 2011).

A rotina de um universitário viajante geralmente é marcada por um grande corre-corre. As condições sociais de suas famílias não permitem a esses jovens gozarem da “moratória social” (MARGULIS, URRESTI, 1996) que lhes permitiria se ocuparem apenas com os estudos. Muitos necessitam conciliar a vida acadêmica com o trabalho e, para os que já são casados e possuem filhos, também com a vida doméstica. Por isso mesmo, o tempo das viagens, que começa antes da entrada no transporte (se contarmos o tempo de preparação), é vivido por alguns como perda de tempo:

É uma perda de tempo muito grande, praticamente quatro horas diária, e se a gente fizer um cálculo multiplicando por 22 dias, a gente perde 88 horas todo mês só de viagem, é muito tempo que você passa dentro do ônibus, na ida eu tento estudar, apesar do barulho e do balanço do ônibus devido o péssimo estado da estrada, teve uma época que eu só conseguia estudar dentro do ônibus, eu trabalhava dois expedientes e saía do trabalho praticamente na hora de ir pra faculdade, e o tempo que eu tinha pra estudar era dentro do ônibus. (Paula, 26 anos, aluna do curso de Administração).

O sentido de sacrifício, risco e sofrimento também aparece associado às viagens na fala de alguns estudantes, sobretudo daqueles que viajam em pé, por conta da superlotação de alguns dos transportes. Os riscos geralmente se devem às condições precárias em que viajam: estradas ruins e perigosas, ônibus mal conservados que comumente quebram no meio da estrada, assaltos e acidentes já ocorridos, alguns com vítimas fatais.

O tempo de sala de aula, para quem vem de outro município, também fica reduzido, pois, ao chegar na UVA, a primeira parada dos estudantes é nas cantinas dos campi para fazer um lanche rápido antes da jornada de estudos. Resultado: sempre entram atrasados na sala de aula e saem mais cedo, pois, apesar de o término das aulas estar previsto para as 22h, por volta

das 21h40min os motoristas já começam a ligar o motor do ônibus avisando que é chegada a hora de iniciar a viagem de volta.

As viagens universitárias também são marcadas por experiências que incluem o aproveitamento do espaço/tempo no interior dos transportes e uma dinâmica de vida que imprime outros sentidos ao ser universitário. Se alguns ressaltam os sentidos negativos, outros ressaltam o lado bom de partilhar a viagem com os pares, enfatizando a importância das práticas e das sociabilidades efetivadas no interior dos veículos na constituição de um modo peculiar de ser universitário.

Nessa viagem, o que ocorre? Uns cochilam um pouco, outros conversam um pouco, outros dormem um pouco, uns leem um livro, outros vão contando piada, vão contando histórias. [...] acaba conhecendo novas pessoas, fazendo novos amigos, acaba rolando também as paqueras dentro do ônibus, há o namoro, acaba rolando também isso Então de fato uns levam até com entusiasmo e como vontade de ir no ônibus pelas brincadeiras com os colegas e acaba tornando uma coisa até agradável ir no ônibus, as viagens, participar das brincadeiras, (Paulo, 23 anos, estudante de Física do município de Acaraú).

O que eu mais gosto nessas viagens eu acho que é a convivência com as pessoas, tem muita gente que eu via assim no município no dia a dia e tal e não falava, não conversava e no ônibus a gente está conhecendo novas pessoas, vai se entrosando mais. Tem muitos momentos bons, de diversão, de bate-papo, que acaba compensando o sofrimento da viagem. (Lúcia, 23 anos, estudante de Ciências Sociais, do município de Santa Quitéria).

Às vezes a gente costuma, é... comprar uma pizza pra gente dividir com os colegas, né! E a gente costuma às vezes jogar uno, aquele jogo, né?! A gente costuma conversar, claro, né! Às vezes a gente faz alguma festa pra comemorar o aniversário, compra um bolo e, e a gente às vezes faz surpresa pra alguma pessoa dentro do carro. Evidentemente que toda viagem também nós

rezamos o terço. (Michel, 21 anos, estudante de Filosofia do município de Marco).

O tempo das viagens universitárias é, para muitos, o único que sobra na correria do dia a dia para estudar, descansar do trabalho ou para o lazer. Conversar, namorar, rezar, estudar, ouvir música, jogar, brincar, fazer amizades, festejar, discutir a política e os problemas da cidade foram algumas das práticas mapeadas dentro dos transportes universitários dos diversos municípios da região norte do Ceará¹³⁹. Pelas práticas e sociabilidades estabelecidas no interior dos veículos, os universitários inventam um cotidiano carregado de significados para entender esse modo peculiar de frequentar a universidade. Nesse contexto, os ônibus são encarados como uma extensão da casa e da universidade, pois ali, além de realizarem atividades corriqueiras, também adquirem conhecimento e amadurecimento, como afirmam alguns.

Comparando o modo de vida dos que enfrentam a mobilidade cotidiana com o dos que vivem em Sobral, vantagens e desvantagens são apontadas pelos estudantes. É o que veremos a seguir.

2.2. Moradores de “Repúblicas”

Adentrando a casa que fica numa das avenidas mais movimentadas de Sobral, o que me chamou atenção foram a falta de mobília na sala e duas motos novas estacionadas naquele ambiente, denunciando que, ali, pelo menos dois dos dez moradores já haviam adquirido transporte próprio, um sinal também da ascensão social no mundo dos universitários. Ter um transporte próprio em Sobral é um diferencial e um facilitador da vida, já que a cidade não oferece transporte público, o que limita a mobilidade e encarece a estadia dos estudantes, pois, para se locomoverem no dia a dia, é preciso pagar táxi ou moto-táxi.

139 Uma análise mais aprofundada sobre as práticas e sociabilidades estabelecidas dentro dos transportes universitários pode ser encontrada em Braga et al, 2011.

Ligando a sala à cozinha, há um corredor onde se pode espreitar uma porta do lado direito. Através dela é possível perceber as soluções de dormida: redes armadas com mosquiteiros improvisados para proteger dos mosquitos que sempre perturbam o sono de quem vive em Sobral. O ventilador também é item obrigatório para driblar o desconforto causado pelo calor da cidade, que é conhecida como uma das mais quentes do Ceará. Depois do corredor, a cozinha de onde vem um cheiro da comida que, naquele dia, estava sendo preparada por Jair, estudante de Ciências Sociais. Lá, percebe-se que a mobília contrasta com o vazio dos outros espaços da casa: fogão de quatro bocas, geladeira, mesa com cadeiras e espaços improvisados para guardar os utensílios da cozinha. Nas paredes, um quadro feito numa folha A4 com a distribuição das tarefas entre os habitantes e um aviso com o telefone do provedor de internet, onde se lê: “Telefone para esculhambar¹⁴⁰”. Afixado na geladeira, um quadro com o calendário de pagamento das contas e o nome dos responsáveis por cada uma delas.

A casa é habitada por dez jovens, quase todos oriundos de localidades rurais do município de Coreaú. Apenas uma pessoa é oriunda de Moraújo. Ali, tudo é dividido coletivamente, mas isso não é regra em todas as “repúblicas”. José, morador de um apartamento dividido por cinco estudantes de municípios diversos da Serra da Ibiapaba¹⁴¹, reclama da falta de cooperação dos colegas que não contribuem com a limpeza e com a compra e a feitura da comida, que geralmente é preparada por ele. Em outra república visitada, formada apenas por jovens do sexo masculino oriundos de Fortaleza, capital do Estado, também não existiam regras claras quanto à limpeza e à organização da casa e a alimentação ficava por conta de cada um. Na maioria das vezes, a opção era comer no restaurante popular de Sobral que serve refeições ao preço de um real.

As soluções de moradia encontradas pelos jovens de outros municípios que decidem migrar para Sobral é o que unifica os universitários que chamo de moradores de “repúblicas”. Por

140 Nesse contexto, esculhambar significa xingar.

141 Serra que fica na divisa do Ceará com o Piauí. Dessa serra estudam em Sobral pessoas dos municípios de Ubajara, Tianguá, Ibiapina, São Benedito, Guaraciaba do Norte e Tianguá.

não existirem residências universitárias oferecidas pelas IES ali sediadas, os próprios estudantes se encarregam de alugar casa ou apartamento para morar. Como os aluguéis na cidade são muito caros, dividir com outros jovens acaba sendo a modo mais viável de garantir a estadia na cidade. Aqui adoto o termo “repúblicas” por ele ser usado pelos próprios estudantes para designar essas habitação coletiva que, de acordo com Estanques (2011), podem ser entendidas como “casas comunitárias de habitação estudantil” que constituem espaços de convívio e formas particulares de autogestão (ESTANQUES, 2011).

Ao longo da pesquisa, verifiquei que as “repúblicas” de Sobral possuem características diversas no que se refere à origem, à composição e ao modo de vida estabelecido pelos jovens que nelas habitam. Identificamos repúblicas formadas apenas por jovens de um mesmo município; outras onde a origem não importa, pois os jovens vão encontrando parceiros ao longo dos primeiros dias de universidade. Andando pelos corredores da UVA, é possível ver nos flanelógrafos anúncios de pessoas procurando parceiros de moradia ou vendendo móveis e eletrodomésticos usados, o que sinaliza a alta rotatividade de moradores nessas casas. No final das contas, o que importa é reduzir os gastos da estadia em Sobral.

Visitei repúblicas femininas, masculinas e também mistas e percebi que o agrupamento por gênero muitas vezes têm a ver com os valores morais trazidos de casa, mas também com a questão do sentir-se à vontade morando apenas com pessoas do mesmo sexo¹⁴².

Em termos de organização da casa, o imprevisto dá o tom do estilo de habitar. As salas geralmente não possuem mobília a não ser nas casas em que os moradores têm uma melhor condição financeira e recebem a ajuda dos pais ou parentes em forma de doação ou mesmo compra de móveis. Nos quartos, as redes são a solução mais barata e mais prática para dormir, mas também é possível ver colchões no chão e, em umas poucas, camas doadas por algum parente ou amigo. Caixas, malas e estantes podem servir de guarda-roupa e a caixa de concreto vazia

142 Para saber mais sobre as “repúblicas” estudantis de Sobral, ver Freitas, 2012.

na parede, que deveria servir para abrigar um ar-condicionado, de repente vira sapateira. As tarefas domésticas e a organização da casa vão sendo pensadas de acordo com as necessidades dos moradores de cada república. Nas que possuem regras e divisão já estabelecidas, elas costumam ser coladas nas paredes da cozinha para que todos lembrem seus deveres e obrigações. Em apenas uma das repúblicas habitadas apenas por homens foi verificada a presença de uma doméstica paga pelos pais para fazer a comida e cuidar da limpeza da casa.

Sobre a experiência de morar em Sobral tendo que arcar com as despesas e a responsabilidade de gerenciar a casa e a própria vida, os universitários afirmam o seguinte:

[...] quando a gente morava aqui é muito diferente de morar em casa, porque em casa a comidinha da mãe não tem preço, né? E você não paga aluguel e aqui você tem que se virar com tudo. É aluguel, é energia e tal. [...] além de viver longe dos pais também, né? Mas a gente acaba se acostumando. (Jair, 21 anos, estudante de Ciências Sociais da zona rural de Aracém, distrito de Coreaú).

Eu acho que é preocupações que você tem de uma certa forma. Você chega em casa tem que ou você faz almoço ou tem que ir comer em outro canto, ou você tem que pagar energia ou tem que comprar aquilo que está faltando pra você. Você tem que ir a um certo lugar que tem que tirar xerox. Você tem que pagar o aluguel que venceu. Isso tudo é responsabilidade pra mim. E quando eu tava lá, eu chegava e minha comida tava feita. Minha mãe se acordava e não deixava eu fazer nada. Eu não tinha preocupação de nada, somente de trabalhar, né? E aqui ou eu faço ou fico sem comer. (José, 20 anos, estudante de Ciências Sociais do município de Ubajara).

O que os jovens ressaltam em suas falas são as dificuldades e o aumento das responsabilidades ocasionado pela saída da casa dos pais, mas para todos os entrevistados as situações vivenciadas são pensadas como fonte de aprendizado e amadu-

recimento. Outro ponto que aparece nas falas é no que se refere às vantagens de morar em Sobral, relativamente à vivência da vida universitária, quando comparam a vida de universitário viajante com a de morador de república:

Eu acho que a gente aproveita mais a universidade, a gente se integra mais à universidade, além de você ter mais tempo de estudar. Porque quando a gente mora lá a gente perde todo dia em média três horas. Essas três horas aqui você já faz outra coisa, ou você está no trabalho, ou está estudando ou fazendo trabalho. Além da perda de tempo ressaltam os perigos da estrada e o fato de participar mais dos eventos da universidade, palestras, disciplinas em outros horários etc. (Jair).

O ponto positivo é a valorização que eu to dando mais aos meus estudos, eu vejo a necessidade de estudar e até mesmo pelas portas que se abrem aqui, a gente tem mais acesso a coisas diferentes. Tem os movimentos que tem dentro da universidade a gente fica mais perto de participar, né? Sempre em contra turnos. Quando era lá na minha cidade eu não tinha condições de vir no contra turno pra participar de algum fórum que tinha aqui e que eu tinha vontade. (José).

Jair e José são oriundos de famílias pobres. Jair é filho de agricultores e José é filho de uma empregada doméstica com um trabalhador rural. José começou a trabalhar aos 13 anos de idade para ajudar no sustento da família e Jair também ajudava o pai na roça. O que permitiu a mudança dos dois para Sobral foi a conquista de bolsas oferecidas pelos programas da universidade. No caso de Jair, a bolsa conseguida foi a do programa de bolsas de trabalho da UVA, Programa de Bolsa Universitária (PBU). José conseguiu, no início do quarto semestre, uma bolsa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), financiado pela CAPES. As bolsas, no valor de quatrocentos reais, foram o impulso de que eles precisavam para mudar para Sobral e ter mais dedicação aos estudos. Assim como José, Maria e Rosa, também estudantes de Ciências Sociais que dividem casa com Jair, só tiveram condições de mudar quando

conseguiram bolsas do PIBID. Pelos seus relatos, fica patente a importância dos apoios sociais e acadêmicos concedidos pelas universidades, sobretudo para os estudantes de baixa renda.

Viver de bolsa, no entanto, traz uma vida de privações para os universitários cujos pais não conseguem ajudar financeiramente. Por esse motivo, Jair, que hoje já não conta mais com a bolsa do PIBID, pois conseguiu um estágio no Fórum de Sobral, onde ganha um salário mínimo, em tom de brincadeira afirma o seguinte sobre a condição do universitário: “Dizem que existe três fases de pobreza, né? O pobre, o miserável e o universitário. (risos) Vai descendo, né? Começa pobre, miserável e universitário. Ou seja, o universitário é o último estágio da precisão.”

O ritmo na vida do município de Sobral, de certo modo, tem a marca das idas e vindas dos universitários. Durante a semana, o trânsito fica agitado entre as 18h e às 19h, por conta dos ônibus universitários que chegam dos municípios. Do mesmo modo, às 22h, horário em que costumam deixar a cidade. Os bares e lanchonetes, sobretudo os mais populares, localizados especialmente no bairro das Pedrinhas, que concentra grande número de “repúblicas” estudantis, também estão sempre lotados, especialmente às quintas-feiras, última noite da semana para quem é de outro município e mora em Sobral. É que a maioria dos que moram em “repúblicas” retornam aos seus municípios de origem nos finais de semana para rever a família. Por esse motivo também, para os que trabalham e estudam em Sobral, o lazer é vivido no lugar de origem nos finais de semana, mesmo que em Sobral as opções sejam mais diversificadas. Sobral possui teatro e cinemas e, nos finais de semana, são comuns as festas com forró em restaurantes e casas de show, mas nem todos os universitários podem acessar essas opções de lazer por falta de dinheiro para pagar. Jair e Maria, que moram juntos e adoram dançar forró, confessam que, de vez em quando, costumam ficar em Sobral na sexta à noite para irem dançar num forró pé de serra que acontece semanalmente num restaurante da cidade.

As festas na universidade, quando acontecem, são por ocasião das calouradas, encerramento de semanas acadêmicas dos cursos e período junino. Os estudantes que moram em

Sobral também levam vantagem nisso, pois podem ficar para aproveitar a festa por mais tempo, enquanto os universitários viajantes voltam para casa às 22h.

Os eventos em que mais se pode ver a presença de um grande número de universitários são os shows promovidos pela prefeitura em espaços públicos com acesso gratuito. Nessas ocasiões, é possível ver grupos que extrapolam nas bebidas.

Alguns estudos sobre “repúblicas” estudantis ressaltam o estilo de vida boêmio como marca da vida universitária. Estanques (2011) e Carreiro (2004), por exemplo, que estudaram as tradicionais “repúblicas” estudantis da cidade de Coimbra, em Portugal, analisam esse aspecto. Sardi (2000), em estudo sobre os universitários de Ouro Preto (MG), refere-se às “repúblicas” como “ambientes de exacerbação do prazer”, devido ao constante apelo hedonista da vida universitária naquela cidade. Em Sobral, o estilo boêmio, pelo que pude perceber, não é uma regra entre os universitários, sobretudo os advindos das pequenas cidades da região. O costume de receber os amigos para tomar uma bebida ou mesmo para fazer festas existe, mas isso não é uma constante, mesmo porque, como referido anteriormente, muitos universitários conciliam as atividades acadêmicas com o trabalho. Das “repúblicas” que visitei, as que eram habitadas por estudantes oriundos de cidades maiores, sobretudo de Fortaleza, eram as que mais se aproximavam de um estilo de vida que se pode dizer boêmio, com festas constantes, onde o uso de bebidas, cigarro e maconha podia ser observado. Em uma delas, o fato de alguns moradores da casa serem músicos e formarem uma banda de música pop constituía grande atrativo para os estudantes de outras repúblicas e mesmo para os que moravam com os pais em Sobral.

Outro aspecto que merece destaque no contexto das “repúblicas” é a vivência da sexualidade por parte dos jovens. Quanto a isso, os moradores de repúblicas também se distinguem. Em duas delas, uma masculina e outra feminina, havia a proibição de levar namorado para dormir em casa. Em outras, no entanto, a casa é território livre para a prática do sexo, desde que as pessoas que dividem um mesmo quarto entrem em acordo e combinem horários.

Os jovens oriundos de cidades pequenas, sobretudo os da zona rural, na maioria das vezes foram socializados em ambientes repletos de interdições morais. Por esse motivo, a saída para morar numa cidade maior proporciona a oportunidade de experimentar a liberdade nas relações, dada a garantia do anonimato. É o que revela Jair que vem de uma localidade de apenas quatro mil habitantes:

Quando você vive num lugar pequeno, onde todo mundo sabe o que você veste, o que você come, o que fez no outro dia, sabe com quem você se agarrou, como quem, né e tal. Aqui não. [...] A gente tem mais oportunidade de conhecer gente nova de outros locais sem que essas pessoas interfiram tanto, né? Porque se não for eles aqui (*referindo-se aos companheiros de casa*), aqui em Sobral ninguém me conhece, ou seja, eu posso ter mais liberdade, entre aspas, né? A gente acaba que sendo dono do corpo da gente e da gente mesmo, da própria consciência, né? [] Aqui a gente faz o que faz e fica mais no anonimato, né? (*Grifo meu*)

Apesar de não ser uma grande metrópole, Sobral, comparada às outras cidades da região, possui um diferencial no que se refere à vida urbana. Sua maior densidade populacional e a grande oferta de serviços, como os educacionais destacados neste trabalho, constitui atrativo não só para os jovens de outros municípios, contribuindo para criar um ambiente onde a heterogeneidade é a marca para pensar os modos de vida, sobretudo entre os universitários. O encontro com pessoas de origem diversa, no ambiente criado pela universidade, é apontado pelos jovens como um elemento fundamental para o crescimento pessoal, intelectual e para ampliação da visão de mundo:

Pra mim todo mundo que tava ali a maioria era de Sobral, ai quando eu vi que a maioria é do interior, cara muito estranho! Muito estranho! A gente conhece gente de todo lugar, a gente vai, a gente acaba viajando pra cidade dos outros pra conhecer é muito legal, eu acho legal. [...] Cada lugar tem um costume, cada lugar tem uma coisa diferente é muito legal. (Diogo, 22

anos, estudante de Ciências Contábeis do município de Hidrolândia).

Até mesmo pelo conhecimento de novas pessoas, novas mentes. A gente chega aqui até mesmo acostumado com o tradicionalismo da escola, a gente vê pessoas de outras regiões, outras classes, talvez classes inferiores ou superiores à nossa e há essa diversidade de pessoas, de cultura e é bom a gente conhecer isso. Eu me sinto feliz por estar dentro da universidade. (José).

A experiência de alteridade revelada nas falas, os diferentes modos de viver a universidade e a cidade revelados pela observação da vida estudantil em Sobral, os novos conhecimentos adquiridos e as oportunidades que surgem em termos trabalho contribuem para que, ao longo da estadia na universidades, os jovens componham e recomponham seus projetos de futuro.

2.3. Projetos de Futuro

Desde a primeira aproximação com os universitários das duas categorias aqui consideradas, ficou evidente que a busca por um diploma de nível superior, mesmo tendo que se submeter a uma mudança de cidade ou ao deslocamento cotidiano, enfrentando dificuldades e riscos, é uma das estratégias para a realização dos seus projetos de futuro. A fala de Júlio e Michel, por exemplo, são muito significativas em relação a isso:

[...] eu tenho o sonho de me formar, então vou lutar por isso, tem dificuldades? Tem, mas os obstáculos é para ser superados (sic), seja problema mecânico no ônibus, ou os assaltantes na pista (Júlio, 22 anos, estudante de História do distrito de Pelada, Hidrolândia).

[...] uma vitória que eu conquistei porque evidentemente ela não chega a ser uma vitória, ela chega a ser quase um objetivo, o começo de um objetivo. Porque eu, eu não enxergo a universidade como ela sendo o fim que eu buscava, enxergo como se fosse um meio

pra alcançar meu objetivo. (Michel, 21 anos, estudante de Filosofia do município de Marco).

Mas o que se deseja para depois da aquisição do diploma?

Antes de apresentar os projetos que os jovens desejam realizar e como eles foram sendo construídos e reconstruídos ao longo de suas trajetórias dentro e fora da universidade, é importante ressaltar que considero o projeto de futuro (2002) “como a representação de objetivos ou desejos futuros que, a partir de um conjunto de experiências passadas, organiza e confere sentido às ações presentes e quotidianas” (MATEUS, 2002, p.118). É importante afirmar, ainda, que na construção dos projetos estão envolvidos elementos individuais e sociais (FREITAS, 2009, p. 7/8).

De acordo com Velho (2008, p. 25), a noção de escolha está na base da ideia de projeto, significando que ao indivíduo pode ser dada ou não a possibilidade de escolher. Pensando com Schutz, o autor completa afirmando que, quando há ação com objetivos predeterminados, verificamos a existência de um projeto.

Partindo de uma reflexão sobre a relação indivíduo e coletividade, Velho afirma que os projetos são construídos com base nas experiências socioculturais, portanto não existem projetos puramente individuais, eles são sempre construídos tomando-se como referência os outros ou a sociedade (2008, p. 28). Projetar é um ato consciente, portanto, envolve cálculo e planejamento, e os projetos podem ser comunicados. Porém, tanto a formulação dos projetos como a sua comunicação só podem ocorrer dentro de um *campo de possibilidades* circunscrito histórica e culturalmente. Além da natureza histórica e cultural dos projetos, o autor enfatiza também a dinamicidade. Os projetos podem mudar de acordo com as novas circunstâncias e experiências provocadas pelo *campo de possibilidades*. Foi o que aconteceu com Jair e com Francisco que, após experiências de trabalho em Sobral, passaram a vislumbrar outro tipo de inserção profissional que não a proporcionada pelos cursos que escolheram fazer na universidade. O primeiro trabalha como estagiário no Fórum de Sobral e o segundo como ascensorista no Hospital Regional Norte.

Eu quero terminar sociologia e fazer outra faculdade e quero passar num concurso também do Estado, mas não é do Estado pra ser professor não, é pra ser técnico do judiciário. Fazer outro curso, se Deus quiser eu quero fazer Direito assim que eu terminar. E odiava Direito, por sinal, né? Mas aí quando a gente começou a trabalhar, eu comecei a trabalhar na área, passei a gostar (Jair).

E não sei se é por influência do trabalho, eu queria fazer um outro curso de Medicina. De forma do PROUNI ou qualquer jeito. A Física eu vou terminar ano que vem. Vou fazer o concurso de professor do Estado e se eu fizer o curso de medicina eu posso aproveitar, eu posso ir pra área de Física Médica. Existe também essa área na medicina. Seria uma área ideal pra mim. (Francisco).

Embora não haja espaço, neste trabalho, para expor os motivos que levaram cada um dos jovens a escolher seus respectivos cursos de graduação, é importante ressaltar que, pelo que observei não só nas entrevistas, como pela própria lida com os estudantes da UVA, as escolhas por curso são feitas de acordo com certas conveniências, como, por exemplo, a facilidade de passar devido à baixa concorrência. Os que tentam cursos considerados mais difíceis, como Direito, Enfermagem e Administração, na maioria das vezes são os que têm mais clareza em relação aos projetos de futuro. Em todos os casos, a busca de estabilidade financeira, mediante o que consideram um bom emprego, é o que os mobiliza a frequentar a universidade e, por isso, o desejo de passar em um concurso público é recorrente na fala de todos os entrevistados, mesmo para aqueles que pensam em dar continuidade aos estudos após a graduação.

Quando terminar a graduação eu pretendo na medida do possível, isso é um projeto que eu tenho entrar num mestrado ou entrar numa especialização na minha área, na área de Física. No momento vai ocorrer o concurso do Estado, tentar me efetivar logo no Estado como professor do Estado, ter de fato meu emprego e depois tentar procurar novos horizontes, fazer um

novo curso, entrar num mestrado [...] me aperfeiçoar cada vez mais, fazer outro curso e estar preparado pra o mercado de trabalho (Paulo, 23 anos, estudante de Física do município de Acaraú).

Bem, quando eu terminar a minha graduação vou pra sala de aula claro, “tô” me formando em licenciatura, vou ensinar. Agora, como eu disse, o curso superior ele abre um leque de possibilidades, vamos supor que apareça um concurso, eu passe, claro que tendo mais remuneração que ensinar eu não vou ficar ensinando, né? [...] passando em outro concurso, da polícia rodoviária federal, ou qualquer outro, confesso que eu penso dessa forma (Júlio).

Pretendo arranjar um emprego e talvez um mestrado. [...] Eu tava pretendo ir pra São Paulo também, né? Eu vou pra casa dos meus tios talvez fazer um mestrado ou especialização por lá. [...] Daqui pro final do ano eu arrumo alguma coisa pra mim. Mas eu tô pretendendo fazer o concurso do Estado, talvez se passar, se não passar eu arrumo outra coisa. (Maria, 21 anos, estudante de Ciências Sociais do município de Moraújo).

O que os jovens revelam, relativamente aos seus projetos de futuro, é que a universidade é uma porta de entrada para o mercado de trabalho, não importa qual, e que sair de seus municípios para estudar em outra cidade é ampliar o campo de possibilidades na busca por uma condição de vida melhor, sobretudo para aqueles que vêm de famílias pobres. Os que mudam para Sobral e que, inicialmente estranham a vida numa cidade maior, caso de Jair, que de início só pensava em voltar para o seio da família, dependendo das experiências vividas e das conquistas alcançadas, podem alterar seu plano e desejar ficar, exatamente por perceberem que, em Sobral ou uma cidade maior, as oportunidades de inserção profissional e social são maiores, como ele afirma: “Eu não tenho mais pretensão de sair daqui não. Porque o horizonte aqui é mais amplo, né? Você tem oportunidade de ir além” (Janio).

Considerações finais

Observando as trajetórias, os modos de vida e os projetos de futuro dos jovens aqui apresentados, podemos afirmar, assim como Melucci (apud ESTANQUES, 2011, 398), que eles são “nômades do presente”, no sentido de que têm suas biografias marcadas pela experimentação e pelos deslocamentos constantes. Correm atrás das oportunidades onde quer que elas estejam. No cenário de incertezas e imprevisibilidade onde se movem, o êxito depende muito mais da mobilidade e da procura do que da acomodação a um projeto pré-estabelecido. A mobilidade, portanto, pode ser pensada como o campo de possibilidade na realização dos projetos de futuro.

As diferenças verificadas nas origens e nos modos de vida dos universitários da UVA mostram que, como afirma Batista (2011), “existe desigualdade social tanto nas condições de acesso ao sistema educacional quanto nas condições de permanência” (p. 3).

Diante do exposto, percebe-se que a criação de vagas na educação superior sem a criação de uma política de assistência estudantil, sobretudo em regiões interioranas, obstaculiza a permanência na universidade daqueles que conseguem acessar as vagas criadas, pondo em risco a concretização dos objetivos da expansão.

Referências

BATISTA, Neusa Chaves. O professor das licenciaturas e o direito à educação para todos. **Anais** do XXVIII Congresso da ALAS, Fronteiras abertas da América Latina, Recife-PE, 2011. Disponível em: <http://alas-sociologia.org/anais/>. Acesso em 27 de agosto de 2012.

BOURDIEU, P. A juventude é apenas uma palavra. In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Tradução Jeni Vaitsman. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRITTO, L. P. L. et al. Conhecimento e formação nas IES periféricas: perfil do aluno “novo” da Educação Superior. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, SP, v.13, n. 3, p. 777-791, nov. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/aval/v13n3/08.pdf> . Acesso: 20 de janeiro de 2011.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

CRESSWELL, T. **On the Move**: mobility in the modern western world. New York: Routledge, 2006.

CRESSWELL, T. Seis temas na produção das mobilidades. In: SIMÕES, J. A.; CARMO, R. M. do. **A produção das mobilidades**: redes, espacialidades e trajectos. Lisboa: ICS, 2009.

CARRANO, Paulo. Jovens universitários: acesso, formação, experiências e inserção profissional. In: SPÓSITO, Marília. **Estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira**: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006), v. 1. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

ESTANQUES, E. Cultura estudantil, “Repúblicas” e participação cívica na Universidade de Coimbra. In: PAIS, J. M. et al. (Orgs.). **Jovens e rumos**. Lisboa: ICS, 2011.

FREITAS, I. C. M.de. O transporte universitário e a constituição da identidade estudantil. In: **Atas** do VI Congresso Português de Sociologia - Mundos Sociais: saberes e práticas. Lisboa, 2008. Disponível em: <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/348.pdf>. Acesso em: 10 de julho de 2013.

FREITAS, I. C. M.; MENEZES, Kímbelly Luisa Braga. Moradia e transporte estudantil: a experiência dos universitários da Região Norte do Ceará. **Essentia**, Sobral, a. 9, n. 2, p. 103-119, dez. 2007/maio 2008.

FREITAS, Isaurora Cláudia Martins de. “Repúblicas estudantis: a forma mais autêntica de viver o jeito universitário. In: FREITAS, N. A.; FREITAS, I. C. M. de; MOTA, F. A. (Orgs.). **Olhares sobre o Norte do Ceará**: a contribuição das Ciências Sociais. Sobral: Edições Universitárias, 2012.

GALLAND, O. **Les jeunes**. Paris: Editions Découvert, 1985.

GOLDMAN, M. Antropologia contemporânea, sociedades complexas e outras questões. **Anuário Antropológico/93**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

GONÇALVES, S. A. Estado e Expansão do Ensino Superior Privado no Brasil: uma análise institucional dos anos de 1990. **Educar em Revista**, Curitiba, Editora UFPR, 2008, n. 31, p. 91-111. Disponível em:

<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=155014216007>. Acesso em 20 de março de 2011.

GRUEL, L.; GALLAND, O.; HOUZEL, G. (Orgs.) **Les étudiants en France: histoire et sociologie d'une nouvelle jeunesse**. Paris: PU Rennes, 2009.

MARGULIS, M.; URRESTI, Marcelo. La Juventud es más que una palabra. In: MARGULIS, Mario (Org.). **La juventud es más que una palabra**. Buenos Aires: Biblos, 1996.

PAIS, José Machado. **Culturas juvenis**. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 2003.

PEREIRA, Thiago Ingrassia. Classes populares no ensino superior brasileiro: desafios políticos e pedagógicos. In: BENINCÁ, Dirceu (Org.). **Universidade e suas fronteiras**. São Paulo: Outras Expressões, 2011.

PEREIRA, Thiago Ingrassia. Desigualdade social e universidade: um exame crítico da expansão das vagas públicas no Brasil. **Anais do XXXVIII Congresso Internacional da ALAS**, Recife, UFPE, 2011.

PINTO, José Marcelino de Rezende. O Acesso à Educação Superior no Brasil. **Educação e Sociedade**, v. 25, n. 88, p. 727-756, Especial - Campinas, out. 2004, p. 727-756. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 20 de março de 2011.

SARDI, Jaime Antonio. Estratégias de autorregulação por estudantes universitários em ambiente de exacerbação do prazer. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v. 00, n. 15, jun./dez. 2000.

SEVERINO, A. J. O ensino superior brasileiro: novas configurações e velhos desafios. **Educar**, Curitiba, Editora UFPR, n. 31, p. 73-89, 2008.

SILVA, Veruska Pereira da; CRUZ, Aracely Xavier da; AGUIRRE, Moisés Alberto Calle. Tipos de apoio social para o acesso e permanência na educação superior no Brasil. **Anais do XXVIII Congresso da ALAS, Fronteiras abertas da América Latina**, Recife-PE, 2011. Disponível em: http://www.starlinetecnologia.com.br/alas/arquivos/alas_GT25_Veruska_Pereira_da_Silva.pdf. Acesso em: 12 de novembro de 2011.

ROTHEN, José Carlos Rothen, BARREYRO, Gladys Beatriz. Avaliação da Educação Superior no Segundo Governo Lula: “Provão II” ou

a reedição de velhas práticas? **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 32, n. 114, p. 21-38, jan./mar. 2011. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 8. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

URRY, John. **Mobilities**. London: Polity, 2007.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Otávio G. (Org.). **O fenômeno urbano**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

ZAGO, Nadir. Prolongamento da escolarização nos meios populares e as novas formas de desigualdades educacionais. IN: PAIXÃO, L. P.; ZAGO, N. **Sociologia da educação**: pesquisa e realidade brasileira. Petrópolis, Rj: Vozes, 2007.